

✧ Ângela de Castro Gomes

## A última cartada

Vivo ou morto, Getúlio é o grande mito político da nossa história recente. Seu suicídio foi um golpe de mestre. Imobilizando os inimigos, ele possibilitou a manutenção da ordem democrática e a eleição de Juscelino, em 1955



O suicídio de Getúlio Vargas, ocorrido há cinquenta anos, foi um acontecimento trágico e único na História do Brasil, razão pela qual vem sendo recordado e reforçado por múltiplos mecanismos da memória. Não fosse isso suficiente, o ano de 2004 também assinala os quarenta anos do golpe civil-militar de 1964, outro evento traumático da política nacional, que guarda com o suicídio um laço fundamental. Não só os analistas políticos profissionais, como também grande parte da população que tem acesso a informações, sabem e repetem que o suicídio adiou por dez anos o golpe. Ou seja, se Vargas não tivesse dado um tiro no coração, a conspiração que então se armava contra ele dificilmente seria evitada.

O segundo governo Vargas (1950-54) não transcorreu em clima de tranquilidade, tendo o presidente sofrido, sistematicamente, a oposição da maioria da imprensa e de grande parte de setores políticos e militares. Mas, em agosto de 1954, uma grave crise se instalara com o atentado ao jornalista Carlos Lacerda, desencadeando um impasse de graves proporções, onde se opunham um presidente eleito, gozando ainda de grande popularidade, e uma ferrenha e aguerrida oposição civil e militar, que acusava o governo, especificamente o próprio Vargas, de estar envolvido em um "mar de lama". Tudo isso, é bom lembrar, tendo como cenário a Guerra Fria, que alimentava o medo aos comunistas e também aos sindicalistas.

A tensão chegou a tal ponto que a renúncia do presidente foi pedida, ficando claro que, se ele não se afastasse, seria deposto mais uma vez. Foi nessas circunstâncias que Vargas se matou, num derradeiro golpe político que visava reverter uma situação que vinha beneficiando os antigetulistas. Lançando sobre eles seu







Vargas é visitado por colegiais, no Palácio Guanabara, em 1942, durante a recuperação de um acidente automobilístico. Na página ao lado, Getúlio e seu inconfundível charuto. Para seus admiradores, o ídolo reunia as qualidades políticas de um autêntico chefe de estado junto às características de seu povo

cadáver, Vargas, como escreveu na carta-testamento, oferecia seu corpo em defesa do povo e da pátria, saindo da vida para entrar na História. Nunca se saberá o que teria acontecido no Brasil caso Vargas não tivesse se matado. Mas é certo que sua morte transformou o equilíbrio das forças políticas vigente, bloqueando o golpe que se armava e possibilitando a manutenção da legalidade constitucional, com a realização das eleições para presidente, em que saiu vitorioso Juscelino Kubitschek. Importa assim ressaltar o “sucesso” imediato do suicídio para a manutenção da democracia no Brasil. Trata-se de uma excelente janela para se adentrar à chamada Era Vargas (1930-45), e aí, particularmente, para se pensar nas razões que tornaram possível a construção da figura desse presidente como um mito da política nacional. É bom assinalar que a memória de 2004 reconstrói os acontecimentos de 1954 na perspectiva dos quarenta anos do regime militar e de todas as frustrações que o país viveu a partir daí. Frustrações que, de certa forma, ainda vive, até porque sob o governo de um outro presidente que possui imensa popularidade, Luiz Inácio Lula da Silva, e que, como Vargas, também conseguiu mobilizar as crenças e esperanças do povo brasileiro.

Quando Vargas se matou, não era mais o chefe de um governo ditatorial, como o fora durante o Estado Novo (1937-45), mas um presidente eleito pelo voto

popular, em disputado pleito ocorrido em 1950. Sua vitória foi uma surpresa para os opositores, reunidos na União Democrática Nacional, a UDN. Estes acreditavam que um ex-ditador não poderia ser eleito, e, se o fosse, não poderia tomar posse. Tanto que questionaram as eleições e a consideraram, como frequentemente os derrotados fazem, uma prova cabal de que o povo brasileiro não sabia votar. O povo, contudo, como

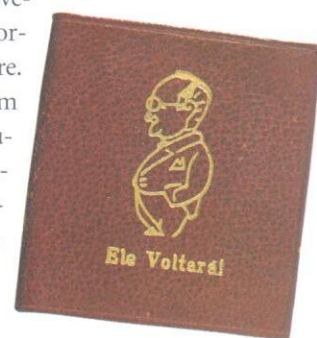
evidencia a marchinha campeã do carnaval de 1951, “Retrato do Velho” (“Bota o retrato do velho outra vez/ Bota no mesmo lugar/ O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”, de Haroldo Barbosa e Marino Pinto), parecia não se haver enganado quando votou em Vargas para presidente. Foi esse mesmo povo, aliás, que saiu às ruas de várias cidades do país, em agosto de 1954, chorando, gritando, provocando incêndios e quebra-quebras, tudo para deixar claro seu apreço ao presidente morto e, mais uma vez,

**Sorrindo, fumando charuto, tomando chimarrão, ele era o Gegê, uma construção mítica exemplar, meio verdade, meio ficção, feita para ser acreditada e querida pelo povo**

para assustar a UDN e os antigetulistas. Esses tiveram que fugir ou se recolher, reconhecendo a força do último golpe de Vargas: um golpe de mestre.

Mas, como os historiadores sabem muito bem e insistem em ensinar, nada na história é “natural”. É sempre preciso entender que há responsáveis por um acontecimento. No caso, que a popularidade de Vargas tem uma história: quando e como ela começou? Em que contexto nacio-

Objetos da campanha presidencial de 1950. Na tentativa de voltar ao poder através do voto, foram confeccionados desde broches (canto superior da página ao lado) até portafósforos (abaixo) com a imagem de Getúlio





Uma série de recursos reforçaram as várias facetas do presidente enquanto esteve no poder: ao lado, discurso na Agência Nacional, órgão de propaganda oficial do governo, em 1954. Abaixo, cartão-postal do DIP exaltando seu nacionalismo e habilidades políticas

ACERVO CORREIO DA MANHÃ. ARQUIVO NACIONAL, RJ



nal e internacional? Quem esteve especialmente envolvido na construção dessa figura? E que recursos, humanos e materiais, foram mobilizados? E por que, afinal, Vargas se torna um mito?

Essa história, em termos nacionais, certamente começou em 1930. Nessa ocasião, Getúlio Vargas já era um líder conhecido da política do Rio Grande do Sul e experimentara cargos a nível federal, como o de deputado e mesmo o de ministro de Estado. Embora para os gaúchos fosse uma importante figura política, no conjunto do movimento “revolucionário” de 1930 era apenas uma das lideranças. Assumiu a chefia do Governo Provisório apenas por ter sido o candidato derrotado no pleito que motivara a sublevação. Ou seja, em inícios da década de 1930, Vargas era um dentre outros nomes que poderiam ascender na política nacional. Se seu prestígio cresceu ao longo dessa década, isso se deveu a um conjunto de fatores próprios àquele contexto e, também, a um cuidadoso investimento político, no qual se envolveram diferentes órgãos do Estado, além, é claro, do próprio Vargas.

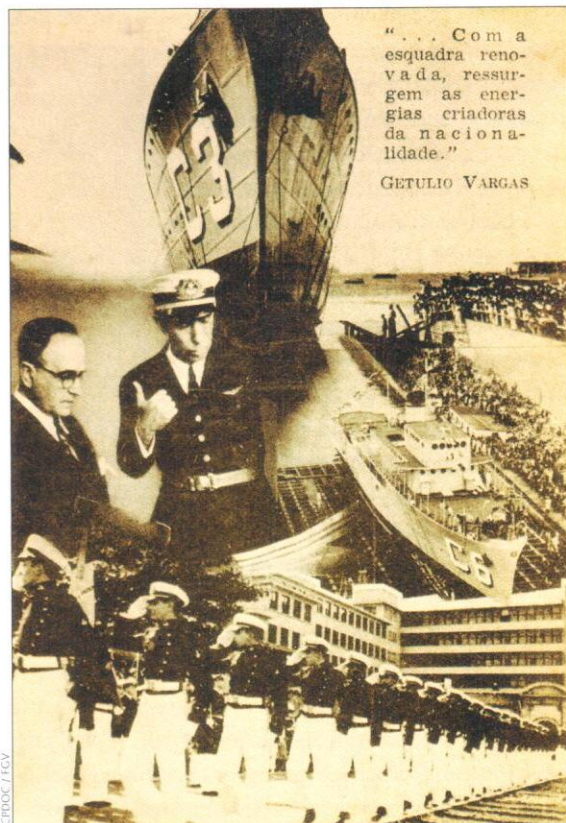
Nos anos 1930-40 vivia-se um tempo no qual a emergência de lideranças personalizadas era considerada uma estratégia política moderna e operacional para se enfrentar os desafios de uma nova e desconhecida sociedade de massas, bem como para se gerenciar os problemas “técnicos” que ela trazia em seu bojo. A produção de um mito político – o personalismo na vida de um Estado nacional – não era entendido como um sinal de “atraso” ou de menor “evolução política”. Ao contrário, o personalismo, combinado com novos arranjos das instituições estatais, era proposto como a forma mais bem-acabada para se governar uma sociedade de massas com segurança, eficácia e legitimidade.

Em relação aos investimentos políticos mobilizados, pode-se ver que

a figura de Vargas começa a ser mais sistematicamente trabalhada, como o modelo exemplar de presidente, quando ele é ainda o chefe do Governo Provisório (1930-34) e o candidato à eleição indireta, realizada pela Assembléia Nacional Constituinte, em 1934. Foi nessa ocasião e com o objetivo de divulgar os feitos da Revolução de 30 e de seu maior líder que foi criado o programa radiofônico “A Voz do Brasil”, existente até hoje. A partir daí, a propaganda em torno do nome de Vargas e das realizações de seu governo não pararam de aumentar, em quantidade e qualidade. Entretanto, foi só após o golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, que a preocupação com a construção do mito Vargas chegou a seu auge. Propaganda e repressão eram, nesse período, faces de uma mesma moeda.

Esse presidente, cuja figura se construía como um exemplo a ser seguido, inaugurava um novo tempo, em que o Estado intervinha legitimamente em esferas até então intocadas da vida social, promovendo tanto o desenvolvimento econômico – a industrialização, especialmente no setor das indústrias de base – quanto o desenvolvimento sociocultural, entendendo-se sempre que do primeiro dependia o segundo. Um presidente que podia e devia comunicar-se diretamente com o povo, sem quaisquer intermediários partidários, desejando também que “seu” povo com ele mantivesse contatos efeti-

Bolsa feminina de plástico, usada durante a campanha de 1950, com a inscrição “ele voltará”





vos: em cerimônias cívicas, por carta etc. Dessa forma, sua figura devia estar no centro de todas as iniciativas encetadas pelo Estado brasileiro: tudo nele tinha início e tudo, para ele, convergia como fim.

Vargas, por conseguinte, era uma grande síntese. Ele reunia em sua personalidade todas as qualidades de nossas maiores figuras históricas, sendo reconhecido por sua clarividência, sabedoria e coragem políticas. Só que para fazer um bom governo, ele também precisava possuir as qualidades de "seu" povo,

apresentando-se como um homem simples, ardiloso e matreiro, cujo sorriso se tornaria uma autêntica marca registrada. Era justamente essa delicada combinação que lhe permitia uma "proximidade de sentidos" com a população; uma proximidade que não eliminava distâncias hierárquicas, mas que possibilitava uma relação, até então não experimentada, de confiança e respeito. Baixinho, meio barrigudo, sorrindo ou não, fumando charutos ou tomando chimarrão, ele era o Gegê, presente em marchinhas

No Carnaval de 1951, Getúlio Vargas assiste ao Baile de Gala do Teatro Municipal, junto a Leonor Amar, rainha do carnaval

ARQUIVO CORREIO DA MANHÃ, ARQUIVO NACIONAL (R)



## Cancioneiro de Gegê

Getúlio Vargas foi o presidente que mais inspirou os poetas populares. Abaixo, versos de cordel e algumas das muitas músicas feitas em sua homenagem:

"Jesus Cristo, pelo povo  
Padeceu morte e paixão,  
Getúlio foi outro Cristo,  
Varou o seu coração  
Com uma bala sublime  
Para salvar a nação!  
Morreu, mas ressuscitou  
E subiu ao céu com glória,  
Assim há de ser Getúlio,  
Que vai ficar na memória,  
Viverá eternamente  
Alumbrando a nossa História."

Em *Getúlio Vargas na literatura de cordel*, de Orígenes Lessa.

### Ai, Gegê

(De João de Barro e José Maria Abreu, 1950).

"Ai, Gegê!  
Ai, Gegê!  
Ai, Gegê!  
Que saudades que nós temos de  
você. (Bis)

O feijão subiu de preço.  
O café subiu também.  
Carne-seca anda por cima  
Não se passa pra ninguém.  
  
Tudo sobe, sobe, sobe  
Todo dia no cartaz.  
Só o pobre do cruzeiro  
Todo dia desce mais, mais, mais,  
mais."

### Se eu fosse Getúlio

(De Roberto Roberti e Arlindo Marques Jr., 1954).

"O Brasil tem muito doutor,  
Muito funcionário, muita  
professora,  
Se eu fosse o Getúlio,  
Mandava metade dessa gente  
pra lavoura.

Mandava muita loura  
Plantar cenoura

E muito bonitão  
Plantar feijão  
E essa turma da mamata,  
Eu mandava plantar batata."

### Hino a Getúlio Vargas

(De João de Barro, 1958).

"Getúlio Vargas,  
Tu vais na História ficar.  
Deixas os braços do povo  
Para subir ao altar.  
(...)

Dorme, teu sono tranqüilo,  
Dorme que a tua bandeira  
Há de pairar altaneira  
Sempre no azul da amplidão.

E as gotas que destê de sangue  
Teu povo amigo há de tê-las  
Brilhando junto às estrelas  
No dia da redenção."





de carnaval e textos de literatura de cordel. Discursando em grandes ocasiões, encontrando-se com os maiores líderes de seu tempo e defendendo os interesses da nação no difícil contexto da Segunda Guerra Mundial, ele era Vargas. Uma construção mítica exemplar, meio verdade, meio ficção, feita para ser acreditada e querida pelo povo.

Para o sucesso da empreitada, inúmeros recursos foram mobilizados, tendo em vista a divulgação de sua imagem e de suas realizações governamentais. Muitas cerimônias foram realizadas durante o Estado Novo. Nelas, em geral, Vargas se encontrava com e discursava para o povo, tendo ampla cobertura da imprensa escrita e falada. O Dia do Trabalho é a mais conhecida, mas havia outros momentos, como as paradas militares do 7 de setembro; o 10 de novembro, quando se comemorava a instalação do Es-

tado Novo; o dia da Raça; os festejos de Natal, por exemplo. Cartazes, bandeirinhas e santinhos com sua imagem eram fartamente distribuídos nessas ocasiões e em diversas outras. Seu retrato povoava não só repartições públicas, como estabelecimentos comerciais, escolas, clubes e até casas de família. Cartilhas e livros didáticos foram escritos, com ampla tiragem, sendo distribuídos nas escolas.

Assumindo características não oficiais e até ganhando tons irônicos, embora sempre sob censura, muitas charges de Vargas eram veiculadas por jornais e revistas ilustradas, insistindo em sua esperteza e malandrice políticas. Na mesma linha, eram tolerados personagens do teatro de revistas nitidamente referidos a Vargas, tendo ele mesmo assistido a algumas dessas peças. De maneiras muito variadas, uma série de recursos propagava as múltiplas

Após o suicídio, populares despedem-se de Vargas no Rio de Janeiro. Diante do Aeroporto Santos-Dumont, a multidão emocionada tentava vê-lo pela última vez





CPDOC / FGV



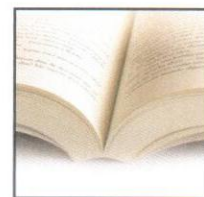
faces e facetas do presidente. Muitos outros exemplos poderiam ainda ser citados para caracterizar o inequívoco empenho e cuidado com que a burocracia varguista gerenciava os múltiplos aspectos que envolviam os contatos do povo com o presidente. E é nesse sentido que um último e fundamental ponto ainda deve ser destacado.

Ele diz respeito ao fato de essa propaganda se fazer em torno de políticas públicas, em grande medida efetivamente implementadas, pela primeira vez, por um governo no Brasil. Quer dizer, a propaganda varguista, como estudos recentes têm evidenciado, só teve boa recepção entre a população porque, além de ser maciça e bem cuidada, articulava-se a uma série de iniciativas governamentais que materializavam o que se anunciava, ainda que com muitas insuficiências e sem atingir a maior parte da população, como ocorria no caso dos direitos do trabalho, que não alcançavam o homem do campo. A despeito da enorme distância entre o que se prometia e o que se fazia de imediato, havia um vínculo efetivo entre o que se dizia e o que a população experimentava concretamente de forma direta ou indireta.

É por essa razão básica que a população em geral, mesmo a que não estava sendo alvo dos benefícios naquele exato momento, vivenciou tais iniciativas como respostas a demandas há muito veiculadas, mas sempre ignoradas e que, finalmente, começavam a ter algum atendimento. Justamente por isso, essa população passou a utilizar o próprio discurso produzido pelo Estado para cobrar a aplicação desses novos direitos, para garanti-los e para expandi-los, durante e após o fim do Estado Novo. Não é casual, por conseguinte, que as ameaças à liderança de Vargas, particularmente em meados dos anos 1950, tenham sido entendidas pela população brasileira, especialmente pelos pobres e trabalhadores, como uma ameaça aos direitos sociais com os quais sua imagem sempre esteve ligada.

Em muitos aspectos, portanto, tanto o ditador como o presidente eleito Getúlio Vargas realizaram reformas na economia e na sociedade brasileiras, sendo que muitas de suas diretrizes alcançaram sucesso e continuidade no tempo. Essa constatação, contudo, não o torna, de forma alguma, um exemplo de líder democrático, nem o afasta das violências praticadas durante o Estado Novo, especialmente contra políticos e trabalhadores que a ele se opuseram. O que se precisa aceitar, para lidar com a política e com os mitos políticos, é que eles não cabem em esquematismos simplistas e maniqueístas, e que sempre perdemos muito ao tentar fazer isso. É dessa complexidade e ambigüidade, inclusive, que nasce muito de sua força e permanência. Vargas é, nessa perspectiva, um grande mito. Tanto que continua sendo estudado e discutido como um referencial, provocando, até hoje, alguns sustos e surpresas. ■

ÂNGELA DE CASTRO GOMES é pesquisadora do CPDOC/FGV e professora titular na Universidade Federal Fluminense.



#### Para saber mais

CAPELLATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

DUTRA, Eliana Freitas. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Editora da UFRJ / Editora da UFMG, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LENHARO, Alcir. *A sacralização da política*. Campinas: Papirus / Unicamp, 1986.

Manifestações contra o jornal *O Globo* em 1954. Com a morte de Vargas, críticos do governo foram vistos como uma ameaça aos direitos sociais implantados pelo presidente

Na tentativa de se extinguir o mito de Vargas trabalhado no Estado Novo, bustos e estátuas do presidente foram retirados das ruas com a queda do regime em 1945



CPDOC / FGV